**IMORTAIS DA ACADEMIA**

**EPISÓDIO 13 – NOVE BOCAS QUE SE CONTRADIZEM**

**01:01:17:01**

ABERTURA

**01:00:22:13**

**OFF**

Quarenta cadeiras que acolhem passado e presente,

Arte e ciência, pensamento e memória,

Legando o que há de mais notável na literatura brasileira.

A cada episódio, uma cadeira a revelar gerações de brasis.

Sob o teto da Academia Brasileira de Letras,

Assenta-se o nobre e glorioso domínio da imortalidade.

**01:01:03:08**

**VIDEOGRAFISMO – Imortais da Academia**

**01:01:21:24**

**Sergio Paulo Rouanet – Atual ocupante da Cadeira 13**

A memória é um elemento fundamental na estruturação da personalidade de uma pessoa. Então, num certo sentido como nós somos um elo na cadeia do tempo, nós somos várias memórias ao mesmo tempo que habitam em nós. Então, nós somos o produto que várias camadas mnemônicas fizeram de nós.

**01:01:46:13**

**VIDEOGRAFISMO – Cadeira 13: Nove bocas que se contradizem**

**01:01:54:08**

**Sergio Paulo Rouanet – Atual ocupante da Cadeira 13**

Meu pai era uma pessoa adorável, realmente, eu acho que muito provavelmente nunca houve um conflito direto ou indireto entre nós, talvez um conflito de preferencia literária. Meu pai não exatamente apreciador de uma literatura de vanguarda, mas ele apreciava literatura e o escritor favorito dele era Eça de Queiroz e o meu escritor favorito era o Machado de Assis. Então, havia longas discursões, às vezes tempestuosas entre nós dois sobre o valor relativo de cada um desses escritores. Meu pai sabia trechos inteiros de “A Cidade e as Serras” de Eça de Queiroz, e eu sabia e citava trechos inteiros de Machado de Assis. Então, eram duas igrejas de tal maneira calorosa que podiam ser chamadas de igreja no sentido religioso, mas como eram duas igrejas tolerantes, acabavam se reconciliando num superior sincretismo religioso e literário, cultural e etc. Eu hoje em dia, eu tenho uma opinião um pouco mais ampla, eu acho que existem vários grandes escritores no Brasil e vários grandes escritores no mundo. Então, a literatura foi uma coisa estruturante na minha personalidade, uma dessas camadas de memorias de que é feita esse conjunto de memorias de que é feito todo ser humano. Na escolha profissional tem haver justamente com o tipo de influencia que eu recebi de minha mãe, minha mãe achava uma maravilha à diplomacia e conhecia todos os “bom humor” de todos os diplomatas famosos como Tocqueville, no Brasil Barão do Rio Branco, e etc., e achava que era a carreira mais maravilhosa do mundo. Eu não tenho, não partilho nesse ponto a opinião da minha mãe, talvez eu preferisse ter escolhido outra carreira dado meu temperamento estudioso. Eu fui feito no fundo para ser um erudito, eu gostava muito da arqueologia e agora me ocorre que arqueologia é uma transição perfeita para o passado. O Arqueólogo é aquele que cuja carreira é escavar fragmentos de passado e isso eu devo, certamente eu tenho um interesse enorme pela historia em geral, por cada uma de suas fatias, de modo que o Itamaraty acabou cruzando com o sonho da minha mãe que era ter um filho diplomata.

Eça de Queiroz

Escritor Português

Machado de Assis

Fundador da Cadeira 23

**01:04:54:13**

**OFF**

“Podemos, sem exagero, falar na ascensão de um novo irracionalismo no Brasil. Em todas as trincheiras e em todas as frentes, a razão está na defensiva.”

*As Razões do Iluminismo*

*Sergio Paulo Rouanet*

**01:05:12:04**

**Maurício Santana Dias – Doutor em Letras**

O Rouanet é um desses grandes intelectuais que nós temos e um dos grandes pensadores brasileiros, e um estudioso dos filósofos do iluminismo, alguém que sempre teve um gosto também por várias áreas, as fronteiras da ciência, das varias ciências, então, filosofia, literatura, artes, psicanalise, alguém que se dedicou a muitos temas e que sempre teve uma espécie de coerência interna, que é esse gosto pela razão, razão iluminista quase que vem e ordena, e tem muita clareza sobre o que tá abordando.

**01:05:59:28**

**OFF**

Sergio Paulo Rouanet, em sua posse na ABL, celebrou a diversidade de vozes que compõem a cadeira treze. Mesmo sendo nove bocas que se contradizem, todas são de homens que devotaram a vida a cultuar a memoria de nosso país.

**01:06:21:14**

**Luís Augusto Fischer – Escritor e crítico literário**

O Augusto Meyer eu tenho a impressão que ele não é tão lembrado quanto ele mereceria, muito exatamente por causa da critica, ele como poeta ele foi um poeta relativamente secundário, ele próprio não investiu muito nesse viés, nessa carreira digamos, porque ele publicou alguma coisa de poesia, enfim, alguns livros de poesia nos anos 20 e etc., mas ele de fato, se tornou nos anos 30 um intelectual um pouco mais sóbrio, ele abandonou a poesia por assim dizer, se tornou um critico muito importante e se tornou um gestor cultural, mesmo aqui em Porto Alegre ele dirigiu a biblioteca publica e depois foi para o Rio fundar e dirigir o Instituto Nacional do Livro, por ai, aliás, foi o viés de integração dele na então capital brasileira. Agora eu acho que ele como crítico, assim era um cara muito apreciável, um sujeito de grande alcance, tem um aspecto cosmopolita, em parte pelo fato dele ler alemão que era uma língua que não era muito frequentada na geração dele e no Brasil em geral né. Então, ele tinha assim uma formação que permitia ele a olhar pra literatura brasileira de um ângulo particular, nem melhor, nem pior, mas um ângulo particular. Em geral, a tradição dos intelectuais brasileiros é de serem formados a partir do mundo parisiense, nem é francesa em geral, é parisiense. E o Meyer tinha esse aspecto, ele lia francês, mas de ler alemão era um negocio que permitia a ele então, fazer comparações um pouco inesperada. Foi por ai, por esse viés muito particular que eu acho que ele ficou marcante como um crítico inovador do Machado de Assis, o Meyer é o primeiro cara que menciona, que desenvolve o raciocínio mostrando como o Machado de Assis tinha alguns aspectos de semelhança com o Dostoiévski. Ele fala do narrador, especialmente no “Memorias Póstumas de Brás Cuba” como tendo alguma afinidade com o narrador de “Notas do Subterrâneo” do Dostoiévski, e esse é o tipo de comparação assim que não era corrente, e ao mesmo tempo é uma comparação que proporciona uma perspectiva nova né, quer dizer, em geral a gente tava acostumado a discutir se o Machado era, digamos, maior ou menor que o Eça de Queiroz, ou se ele era melhor do que seus contemporâneos aqui no Brasil, porque em comparações, digamos que fazem sentido, mas que deixavam Machado no âmbito da língua portuguesa, enfim, uma coisa um pouco mais acanhada. E nessa geração do Meyer, ele um pouco na frente dos outros, assim ele oferece um horizonte mais aberto, mais amplo.

Augusto Meyer

Posse em 1961

Machado de Assis

Fundador da Cadeira 23

Eça de Queiroz

Escritor Português

**01:09:09:27**

**Mario Luiz Frungillo – Doutor em Teoria e História Literária**

Ele escreve um livro sobre Machado de Assis em 1935, que ele mesmo disse: “Escrevi contra, comecei a escrever esse livro contra Machado de Assis e capitulei antes do final, quer dizer, o que era oposição se tornou admiração”. Esse livro é essencial para a visão que nós temos hoje do Machado de Assis, antes do livro do Augusto Meyer, o Machado de Assis era aquele autor assim meio Anatole France, um autor meio espirituoso, um autor irônico, cético, era uma coisa até meio suave, o Augusto Meyer começou a desvendar as profundezas, até os lados meio obscuros, e meio, digamos assim problemático da personagem do Machado. Se referindo à famosa critica que o Machado fez ao “Primo Basílio” do Eça de Queiroz, ele diz: “olha, ele criticou muito o excesso de passagens moralmente desagradáveis no livro, mas dos dois o mais puro de intenções era o Eça né, o Machado era muito mais perverso quando ele cria a figura da Capitu do que o Eça fez quando criou a figura da Luisa do Primo Basílio.” Quer dizer, essas coisas não eram moeda corrente como são hoje.

**01:10:32:22**

**OFF**

“Os anos vão passando e Machado de Assis cresce cada vez mais. Avulta e abre em derredor um vazio de solidão como certas árvores gigantescas da selva que, fundidas de perto na mesma profusão de troncos e folhagem, contempladas a grande distância, esgalham lá no alto e dominam o recorte das grimpas mais sobranceiras.”

*Machado de Assis*

*Augusto Meyer*

**01:11:03:05**

**Alberto da Costa e Silva – Atual ocupante da Cadeira 09**

Augusto Meyer foi um dos três homens mais inteligentes que eu conheci na vida, que começou a vida como poeta e um excelente poeta. Augusto Meyer parecia ter lido tudo, sabia tudo. Depois de um determinado momento ele fez um voto de não mais escrever poesia, se dedicou exclusivamente a escrever em prosa, mas ele escrevia para os jornais, e ele começou a escrever semanalmente pequenos ensaios, que até hoje eu leio comovido. Maravilhosamente bem escritos e dizendo coisas que são importantes. Era uma figura interessantíssima. Ele era ruivo, ruivo, alto, estava sempre fumando um cigarrinho de palha. Ele tinha as folhinhas de palha no bolso e tinha um saquinho com tabaco, ele punha o tabaco ali, na folha de vegetal, enrolada e punha na boca. Ele não fumava cigarro, digamos assim, industrial.

**01:12:16:09**

**OFF**

Eu não tinha mais palavras, vida minha, palavras de bem-querer; Eu tinha um campo de mágoas, vida minha, para colher.

*Gaita*

*Augusto Meyer, em Coração Verde*

**01:12:33:06 – VINHETA**

**Estamos apresentando Imortais da Academia**

**01:12:51:02 – VINHETA**

**Voltamos apresentar Imortais da Academia**

**01:13:01:17**

**OFF**

Com desenvoltura em campos diversos, Visconde de Taunay se eternizou como fundador da cadeira treze. Sua origem aristocrática francesa não o impediu de criticas a influência europeia em nossa literatura.

**01:13:20:25**

**Iza Quelhas – Doutora em Letras**

O visconde de Taunay foi um escritor que assumiu varias funções, ele foi engenheiro militar, ele foi professor do Pedro II, ele foi matemático, ele se bacharelou em letras. Então, ele tem uma formação quase singular né, que tanto ele vai pra área técnica, quanto para as humanas e ao mesmo tempo tem um talento para o desenho que é de origem familiar também porque o avô dele veio na missão francesa, quando a corte portuguesa veio pra o Brasil. Ele tá, digamos assim, academicamente ele tá encaixado no romantismo, mas ele já está na transição para o realismo. Então, ele usa de todo preparo intelectual dele pra descrever porque ele viaja pelo sertão, então o material que ele gosta de trabalhar é o sertão, é o homem rustico, é a situação mais simples. Então, ele consegue assim dar muito vida a essa paisagem brasileira, e faz até algumas criticas aos românticos que não viajam que não conhecem aquilo que falam isso já era um pouco endereçado a quem escreveu Iracema, por exemplo. Então, “Iracema” com aqueles cabelos maravilhosos e o Taunay descreve uma índia que ele conhece em uma das missões militares e ele descreve, sobretudo pelos cabelos ásperos. Então, ele chama atenção, ele distancia aquela índia da “Iracema” do Alencar, então ele faz questão desse toque de realidade, de textura, apesar de considera-la belíssima.

Visconde de Taunay

Fundador da Cadeira 13

**01:15:37:10**

**OFF**

“Minha filha Inocência fez 18 anos pelo Natal, e é rapariga que pela feição parece moça de cidade, muito ariscazinha de modos, mas bonita e boa deveras... Coitada, foi criada sem mãe, e aqui nestes fundões. Tenho outro filho, este um latagão, barbudo e grosso que está trabalhando agora em porcadas para as bandas do Rio.”

*Inocência*

*Visconde de Taunay*

**01:16:07:15**

**Iza Quelhas – Doutora em Letras**

Então, ele fica um pouco na fronteira romantismo com realismo, o próprio romance “Inocência”, um dos principais personagens é um cientista, é um naturalista alemão e a heroína morre no final que é a Inocência e o nome dela é dado por esse naturalista quando ele já tá na Alemanha, a uma borboleta que ele encontrou na casa, na fazenda onde ela vivia. O Taunay colocou ali todo um entorno no cientifico que não era comum pros românticos, e ele ao escrever “Inocência” ele é considerado um dos autores mais importante do romantismo.

**01:16:56:26**

**OFF**

De obras emblemáticas a feitos históricos, os nomes que passaram pela cadeira 13 imprimiram marcas. Dentre as várias de Sergio Paulo Rouanet, a mais popular, ainda que pequena diante de seu legado intelectual é a lei federal de incentivo à cultura, a lei Rouanet.

**01:17:21:07**

**João Almino – Escritor e diplomata**

Bom, ele foi convidado, na verdade pra integrar um ministério que na época era um ministério de grandes nomes. O ministério que teve o Hélio Jaguaribe na ciência e tecnologia, teve o Marcilio Marques Moreira na economia. Então, na verdade ele estava ali, digamos com pares a sua altura, talvez, em outras áreas, em outros domínios. Então, ele aceitou esse convite o que o tornou muito conhecido através da lei Rouanet que eu acho que na trajetória dele é um fato menor, na trajetória pessoal dele como intelectual que ele é. Apesar de a lei em si ter sido uma lei muitíssimo importante no Brasil porque a cultura de fato precisa de recursos e de incentivos, os incentivos fiscais eu acho que contribuíram muito para a expansão da atividade cultural no Brasil nos mais diferentes campos. Isso se deve também a uma iniciativa dele como ministro. O Sergio consegue traduzir ideias complexas em frases de grande elegância e que são muito acessíveis, isso realmente é uma arte, digamos, pra um escritor, realmente que ele é e eu acho que ele deu uma enorme contribuição, sobretudo a filosofia no Brasil. Ele tem um trabalho multifacetado porque ele estudou Freud, tem um livro, inclusive já um pouco antigo que é “Édipo e o Anjo” que discute na verdade a leitura de Freud em Walter Benjamin, depois mais recentemente ele escreveu “Os dez amigos de Freud”. Então, essa é uma vertente, digamos uma vertente freudiana, mas se eu tivesse que destacar uma grande vertente eu diria que é a vertente filosófica propriamente dita, uma leitura que o Sergio Rouanet faz da ilustração, mas uma leitura muito pessoal porque na verdade a obra dele não é simplesmente um apanhado que foi a ilustração. O iluminismo do Sergio Rouanet na verdade é uma utopia e é uma utopia muito atual, eu diria uma utopia que a cada dia que se passa, se torna mais atual porque na verdade essa batalha que é a batalha do iluminismo é uma batalha que vem sendo perdida em várias frentes, mas é uma batalha que não deve ser perdida, que tem que se bater contra os totalitarismos atuais que existe uma nova face dele, contra os particularismos exacerbados. Enfim, em prol de um universalismo, que é um universalismo no pluralista e culturalmente pluralista contra os etnocentrismos, inclusive os etnocentrismos de fato dos grandes centros, quer dizer, contra o colonialismo, o imperialismo e assim por diante. Então, eu acho que essa vertente do intelectual filósofo é uma vertente extremamente rica e atual de Sergio Paulo Rouanet.

Sergio Paulo Rouanet

Posse em 1992

**01:20:54:06**

**Maurício Santana Dias – Doutor em Letras**

Esse trânsito entre a filosofia e a psicanalise estão sempre próximas, tem ensaios em que ele combina, por exemplo a leitura de um texto literário com a bagagem de filosofo, ou de alguém que leu muita psicanálise e a relação dele como leitor de Walter Benjamin, ele foi um dos primeiros divulgadores da obra do Walter Benjamin quando ele traduziu o drama barroco alemão e traduziu também um dos primeiros ensaios que saíram pela Brasiliense nos anos 80. Então, é alguém que trouxe um outro pensador fundamental hoje no século XX que é o Walter Benjamin, então nesse sentido eu acho que o Rouanet, e não só trouxe como tradutor, mas como alguém que pensou sobre esses autores da teoria critica, digamos Walter Benjamin, o Adorno, o Habermas, e ele sempre transitou nesse campo de crítica cultural com um olhar bastante atento a filosofia contemporânea e as artes plásticas e tudo mais.

**01:22:18:23**

**OFF**

“Somos uma geração mimada pela história: conseguimos tudo o que queríamos, e o que conseguimos nos faz medo. Apesar de tudo, podemos ainda reabilitar-nos se pudermos contribuir, pela reflexão ou pela ação, para uma certa correção de rumos. Por exemplo, podemos lutar para que as humanidades venham a assumir o papel que lhes cabe no sistema brasileiro de ensino.”

*As Razões do Iluminismo*

*Sergio Paulo Rouanet*

**01:22:55:29**

**Sergio Paulo Rouanet – Atual ocupante da Cadeira 13**

Filosofia pra mim é uma coisa tão presente na minha reflexão sobre a vida, sobre as coisas mais comuns, sobre filosofia, sobre filósofos grandes e pequenos que pra mim é difícil separar o que é filosofia e o que não é. Filosofia é como a magistra vitae, a mestra da vida no sentido prático e no sentido teórico também. Então, o iluminismo certamente foi o fio condutor da minha reflexão, o iluminismo entendido no sentido de combate pela razão, combate pela justiça, combate pela fraternidade universal. No fundo os três valores do iluminismo foram todos recuperados na revolução francesa, a liberdade, igualdade e fraternidade da republica francesa são três incrustações do iluminismo contidas no pensamento do século XVIII e continua presente hoje na maior parte das pessoas que acreditam na justiça, que acreditam numa politica não corrupta, que acreditam na emancipação interna, pra isso a psicanalise é importante e na emancipação externa pra isso a diplomacia é importante.

**01:24:33:04 - VIDEOGRAFISMO**

Cadeira 13:

Patrono – Francisco Otaviano

Fundador – Visconde de Taunay

 Francisco de Castro

 Martins Júnior

 Sousa Bandeira

 Hélio Lobo

 Augusto Meyer

 Francisco de Assis Barbosa

Atual – Sergio Paulo Rouanet